

EMPREGO DO PELOTÃO DE CÃES DE GUERRA NO ÂMBITO DA DOCTRINA DE AUTODEFESA DE SUPERFÍCIE¹

EMPLOYMENT OF THE DOGS OF WAR PLATOON IN THE SCOPE OF THE SURFACE SELF-DEFENSE DOCTRINE

Alysson Nonato Silva²
Thiago José Macedo Fernandes^{*}

RESUMO

Este trabalho acadêmico teve como principal finalidade descrever um possível emprego do Cão de Guerra, no âmbito do das instalações do Comando da Aeronáutica (COMAER), com vistas a doutrina básica da Autodefesa de Superfície (ADS), que é adotada em uma situação conflituosa para a defesa das instalações. Para isso, foi feito uma elucidação dos manuais da Força Aérea Brasileira (FAB) que regem esses dois principais assuntos que serão abordados. Essa explanação foi composta pelas principais missões que a Seção de Cães de Guerra atua efetivamente nas organizações militares da FAB em concomitância com a segurança das instalações em um raio além do perímetro físico, em situações em que a Autodefesa de Superfície atua: em situação de conflito. Para isso, foi necessário expor as estruturas básicas do organograma da ADS e da Seção de Cães de Guerra que a FAB utiliza. A pesquisa foi feita por análises de artigos científicos e livros de assuntos referentes aos assuntos abordados para obter uma gama maior de conhecimento e exatidão da pesquisa. Com isso, foi mostrado que a forma mais proveitosa de aplicar esses dois recursos de forma coesa para aumentar a eficiência da Segurança e Defesa da instituição.

Palavras-chave: Força Aérea Brasileira; Cães de Guerra; Autodefesa de Superfície.

¹ Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Formação de Oficiais de Infantaria (CFOInf) da Academia da Força Aérea (AFA).

² Cadete de Infantaria do 4º Esquadrão (Turma Orthrus, 2023).

^{*} Maj QOInf Especialista em Gestão Pública. Mestre em Ciências Militares. Academia da Força Aérea. E-mail: thiagofernandestjmf@fab.mil.br

ABSTRACT

This academic work had as its main purpose to describe a possible use of the War Dog within the scope of the Brazilian Air Force Command facilities (COMAER), aiming at the basic doctrine of Surface Self-Defense (SSD), which is adopted in a conflict situation for the defense of the installations. To achieve this, an elucidation of the manuals from the Brazilian Air Force (FAB) that govern these two main subjects to be addressed was conducted. This explanation encompassed the main missions in which the War Dog Section effectively operates within FAB's military organizations, in conjunction with the security of installations beyond the physical perimeter, in situations where Surface Self-Defense is in action: during conflicts. To accomplish this, it was necessary to present the basic structures of the SSD organizational chart and the War Dog Section used by FAB. The research was carried out through analysis of scientific articles and books related to the subjects covered, in order to obtain a broader range of knowledge and accuracy in the research. As a result, it was demonstrated that the most effective way to apply these two resources cohesively is to enhance the efficiency of the institution's Security and Defense.

Keywords: Brazilian Air Force; War Dogs; Surface Self-Defense.

INTRODUÇÃO

A Força Aérea Brasileira (FAB) tem a missão de manter a soberania do espaço aéreo, integrar o território nacional com vistas a defesa da pátria, segundo a DCA 11-45 (BRASIL, 2018). Sendo assim, a Infantaria da Aeronáutica é responsável pela proteção direta das instalações do Comando da Aeronáutica (COMAER) com o objetivo de manter o eficaz funcionamento dos vetores aéreos, conforme a DCA 125-5 (BRASIL, 2019).

Por serem alvos sensíveis às ameaças emergentes, as instalações da Aeronáutica necessitam de uma defesa terrestre capacitada e adestrada, sendo de fundamental importância para estabelecer a estrutura operacional e logística da força.

Para isso, a Autodefesa de Superfície (ADS) atua de forma a complementar a segurança das instalações, com o objetivo de manter o funcionamento eficaz das Unidades de Segurança e Defesa (USEGDEF) (BRASIL, 2020).

De acordo com seus regulamentos a Doutrina de Autodefesa de Superfície precisa de elementos de reconhecimento, pois os verbos da missão são: detectar, identificar e neutralizar. Logo, quanto mais recursos de detecção e reconhecimento de tropas no terreno, melhor será para o cumprimento da missão da ADS.

Atualmente, a Seção de Cães de Guerra atua somente em missões de caráter rotineiro para a segurança e defesa das organizações militares do COMAER. O emprego dessa seção é regulamentado pelo MCA 125-19, publicada em 2022, contendo as padronizações necessárias para todas as organizações militares da FAB (BRASIL, 2022).

O MCA 125-19 deixa claro quais as missões em que são empregadas a Seção de Cães de Guerra na Segurança e Defesa:

Nos tempos atuais, nas Organizações Militares da FAB os cães são utilizados como auxílio na segurança de instalações, patrulhas, faro de drogas e explosivos. Dessa forma, encontra-se no cão um elo de altíssimo préstimo ao Sistema de Segurança e Defesa (SISDE) do COMAER (BRASIL, 2022, p. 9).

Assim, será apresentado a estrutura da Seção de Cães de Guerra com o intuito de inserir o seu emprego na estrutura da Doutrina de ADS. Além disso, será exposto os manuais de Autodefesa de Superfície (ADS) e da Seção de Cães de Guerra da FAB, para que esse último complemente a atuação do primeiro.

Diante disso, esse estudo levanta a seguinte questão: o emprego da Seção de Cães de Guerra contribui para o cumprimento da missão da Autodefesa de Superfície?

Para responder essa pergunta, esse artigo foi norteado pelo objetivo geral de analisar o emprego do Pelotão de Cães de Guerra de acordo com a doutrina de ADS. Além dos seguintes objetivos específicos: expor como a Doutrina de ADS é empregada atualmente por meio de seus manuais, identificar as capacidades da Seção de Cães de Guerra da FAB e associar uma maneira de utilização do uso desses dois recursos de forma eficaz.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 DOCTRINA DE AUTO DEFESA DE SUPERFÍCIE

O Poder Aeroespacial é fundamental para o sucesso em um contexto de conflito, uma vez que é por meio desse recurso que se tem o maior poder de destruição do adversário. No âmbito da FAB, a DCA 1-1 explana que a doutrina de ADS está relacionado a empregar os Meios de Força Aérea com o objetivo de detectar, identificar e neutralizar ataques terrestres dos oponentes às Áreas

Sensíveis de interesse da Força Aérea (BRASIL, 2020). O emprego da segurança e defesa terrestre deve ser, em situação conflituosa, altamente eficaz para que os vetores aéreos possam ser utilizados na mais alta performance e isso tem uma relação direta com a segurança do Poder Aeroespacial (TOPAN, 2013).

Factualmente, as instalações aeronáuticas em conflitos foram alvos de inúmeros ataques aéreos com o intuito de interdição de pista de pouso e erradicação de suprimentos fundamentais para o correto funcionamento dos vetores aéreos. Porém, pelo fato dessas instalações serem Pontos Sensíveis (P Sen) de interesse crítico da força, muitos ataques eram realizados por meio do segmento terrestre, como, por exemplo: tropas de infantaria leve, anfíbias, terroristas, de guerrilha, forças especiais e blindadas. Com isso, a necessidade de estabelecer uma tropa adestrada para conter esses ataques teve sua importância (SHLAPAK: VICK, 1995, p. 21-22). O escalonamento da área de responsabilidade é baseado na instalação, uma vez que a ADS tem a missão atuar na Área de Segurança, Área de Defesa Avançada e a Área de Defesa Aproximada (BRASIL, 2020).

Segundo a DCA 1-1, Doutrina Básica da Força Aérea, documento que rege as ideias básicas de normas à conduta nos diversos setores dessa organização, é possível analisar as Ações de Força Aérea, e analisar os tipos de missão que ela pode ser empregada. AADS é caracterizada por uma Ação de Força Aérea que visa prover a segurança e defesa das instalações aeronáuticas em caráter não rotineiro, ou seja, em situação conflituosa (BRASIL, 2020).

De acordo com o documento previamente citado, segue o conceito de Autodefesa de Superfície:

Autodefesa de Superfície (ADS) é a Ação que consiste em empregar Meios de Força Aérea para detectar, identificar e neutralizar ataques realizados por forças terrestres, aeroterrestres, aeromóveis ou anfíbias oponentes às Áreas Sensíveis (A Sen) e aos Pontos Sensíveis (P Sen) de interesse da Força Aérea, por meio do emprego de meios cinéticos contra alvos móveis de superfície (BRASIL, 2020, p.28).

A Infantaria da Aeronáutica foi criada com a missão seguinte missão, segundo a DCA 125-5:

A missão síntese da Infantaria da Aeronáutica é “executar ações terrestres, ofensivas e defensivas, em proveito dos meios de Força Aérea e daqueles de interesse da campanha aeroespacial, a fim de contribuir para a manutenção da soberania do espaço aéreo e para a integração do território nacional, com vistas à defesa da Pátria.” (BRASIL, 2019, p. 11).

Essas ações são conduzidas juntamente com as Ações de Segurança das Instalações e de Polícia da Aeronáutica. Atuam no perímetro externo das instalações, em que o espaço geográfico garante um alto grau de possibilidades de emprego em uma situação de conflito (BRASIL, 2019).

A DCA 125-5 especifica as missões da ADS:

A ADS se caracteriza pelo lançamento e operação de Patrulhas de Combate, de Reconhecimento e de Postos de Vigilância Terrestre, prontidão e emprego da Força de Pronto Resposta, Apoio de Fogo para auxílio e proteção da tropa e Defesa em Posição nas principais vias de acesso à instalação defendida. Em ambientes semi-permissivos ou permissivos em situação de crise, a Defesa Aproximada de Meios de Força Aérea isolados, também constitui ADS (BRASIL, 2019, p,16).

Logo, é visto que a ADS atua em muitas frentes nas situações que é empregada, mas vale ressaltar que esta Ação de Força Aérea não inclui apenas os meios de Infantaria da Aeronáutica, assim como alguns dos vetores aéreos para o apoio aéreo aproximado, reconhecimento aéreo e transporte de Forças de Pronto Resposta (BRASIL, 2019).

1.2 CÃES DE GUERRA NA PERSPECTIVA DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA

O uso do cão como recurso de defesa possui uma gama de missões que é possível realizar. A Força Aérea Brasileira (FAB) atua nas seguintes missões com a Seção de Cães de Guerra: Controle de Acesso, Guarda de Instalações, Rondas Internas, Bloqueio de Controle de Vias, Busca e Apreensão, Controle de Distúrbios, Escolta Motorizada, Guarda de Presos e Prisioneiros de Guerra, Medidas de Controle de Solo (MCS), Policiamento Ostensivo como pode ser visto na figura 1, Posto de Segurança Estático (PSE), Segurança e Proteção de Autoridades, Patrulha de Combate ou de Reconhecimento e Proteção de Meios Aéreos Desdobrados. São relacionadas às Ações de Polícia da Aeronáutica, Segurança das Instalações e Autodefesa de Superfície (BRASIL, 2022).



Agência Força Aérea / © SGT Simo

Figura 1 Cães de Guerra e seus condutores da FAB

Fonte: Disponível em: <https://www.fab.mil.br/fotos>. Acesso em: 03 maio 2023.

A FAB tem como destaque as seguintes especializações para seus cães com o foco na sua missão principal: cão de detecção, cão de proteção e dupla habilitação. O cão de detecção é preparado para aumentar a sua capacidade de faro, habilitando, treinando e certificando o animal em apenas um tipo de faro. No qual, é subdividido em três tipos: faro de drogas, explosivos e na busca de pessoas. O cão de proteção é treinado com o objetivo de aumentar suas capacidades de vigilância e defesa, podendo ser empregados em um gama de missões da USEGDEF (BRASIL, 2022).

De acordo com o MCA 125-19:

As características básicas do cão para o emprego militar são: presença de fortes impulsos de agressão e de presa, alta treinabilidade, grande estabilidade emocional e controle diante de situações de estresse. O cão de guerra é considerado uma arma menos letal. Atua desde a intimidação e dissuasão até a concretização do lançamento do cão de proteção em níveis gradativos, podendo ser interrompida em qualquer estágio de sua ação, a fim de configurar o uso progressivo e proporcional da força (BRASIL, 2022, p. 12).

Nota-se que o cão é uma ferramenta bastante eficaz e versátil. Se faz necessário, também, uma capacitação eficaz para os condutores, uma vez que é por meio deles que os cães serão

manejados, alimentados, treinados e conduzidos para estimular um forte vínculo entre ambos. Formando uma relação de confiança e dependência mútua (BRASIL, 2022).

A seleção de raças para o cumprimento da missão com a utilização de cães é muito importante para ter uma maior eficácia. Segundo o MCA 125-19, os cães de trabalho empregados nas atividades de Segurança e Defesa na FAB incluem o Pastor Alemão (linha de trabalho), o Pastor Belga Malinois, o Pastor Holandês e o Dobermann.

As raças de cães a serem utilizadas para esse tipo de trabalho é importante, pois cada raça possui um ou mais tipos de aptidões para cada tipo de missão. Existem cães que tem potencial para ser de proteção, faro ou até mesmo de dupla função, por exemplo (VAZ, 2005). O uso do Cão de Guerra no âmbito da Autodefesa de Superfície ainda não é regulamentado em manual, pois não existe um estudo para analisar o melhor e mais eficiente emprego da Seção de Cães de Guerra.

2 METODOLOGIA

Esse trabalho utilizará como base para a sua análise, os documentos que normatizam, regularizam e padronizam o funcionamento da Força Aérea Brasileira. A Seção de Cães de Guerra e a Autodefesa de Superfície são baseados em manuais de padronização da FAB.

A essência dessa pesquisa se dará pela análise direta entre os manuais referentes ao Emprego de Cães de Guerra (MCA 125-19) e a Autodefesa de Superfície (MCA 125-17). Além desses recursos que a FAB dispõe para uso da Segurança e Defesa, será abordado, de forma sucinta, alguns artigos referentes diretamente ou indiretamente ao tema desse trabalho. As estruturas dessas duas áreas da Infantaria da Aeronáutica serão apresentadas com o objetivo de inserir da melhor forma na Esquadrilha de Autodefesa de Superfície.

Dessa forma, por meio do estudo de dados e exposição de artigos e manuais, visa-se apontar qual a melhor forma de inserir as capacidades da Seção de Cães de Guerra da FAB atuando por meio de uma análise qualitativa dos dados que foram encontrados por intermédio de uma pesquisa exploratória e análise de recursos. Além disso, avaliar o quão proveitoso seria essa ação concomitante para o cumprimento da missão da Infantaria da Aeronáutica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 ESTRUTURA DA ESQUADRILHA DE AUTODEFESA DE SUPERFÍCIE

As unidades de segurança e defesa têm como responsabilidade realizar ações defensivas e ofensivas para proteger os meios da Força Aérea Brasileira (FAB). Uma dessas áreas é a Autodefesa de Superfície, que é desempenhada pelos Grupos de Segurança e Defesa (GSD) e inclui a Esquadrilha de Autodefesa de Superfície (EaADS).

Essas esquadrilhas são encarregadas de seguir as atividades de preparo definidas pela seção de operações do GSD e executar ações de autodefesa de superfície. Quando fazem parte de uma Força Aérea de Defesa, a missão dessas esquadrilhas é detectar, identificar e neutralizar ou impedir ataques inimigos provenientes de forças terrestres ou de operações aéreas, terrestres, aéreas ou anfíbias, a fim de proteger áreas e pontos estratégicos importantes para a FAB (BRASIL, 2020).

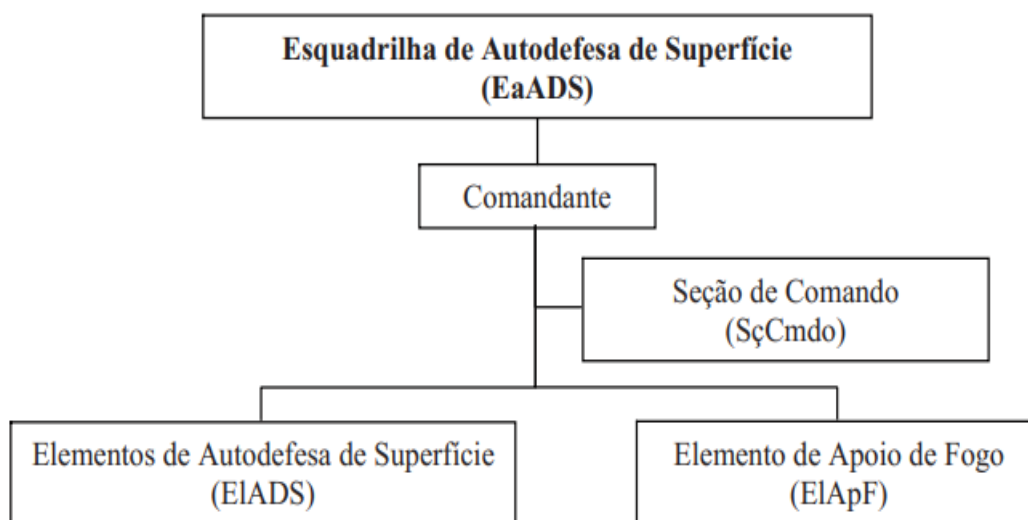


Figura 2 Estrutura básica da EaADS

Fonte: Brasil (2020)

A Esquadrilha é composta por um grupo de liderança, quatro Elementos responsáveis pela Autodefesa de Superfície e um Elemento encarregado do Apoio de Fogo. De acordo com a figura 2. Dependendo das características da área ou Ponto Sensível a ser defendido, a quantidade desses Elementos pode ser aumentada. Em situações normais, a coordenação do apoio logístico necessário para a Esquadrilha é feita pela Seção de Apoio do GSD ao qual a EaADS está subordinada.

O Elemento de Autodefesa de Superfície é a parte da EaADS encarregada de planejar e executar atividades táticas no terreno, como patrulhas de reconhecimento ou combate, postos de

vigilância e força de reação. Esse Elemento é composto por um grupo de comando responsável pelo planejamento e coordenação das atividades, e três Seções de Combate (SçCmb), sendo cada uma delas formada por duas Equipes de Combate (EqCmb) responsáveis pela execução das atividades no terreno.

A estrutura do grupo de comando do EIADS inclui as funções de Comandante do Elemento, Adjunto do Comandante, Motorista e Rádio-Operador. Dentro das seções de combate, as funções incluem Comandantes das Seções de Combate, Comandantes das Equipes de Combate e Fuzileiros.

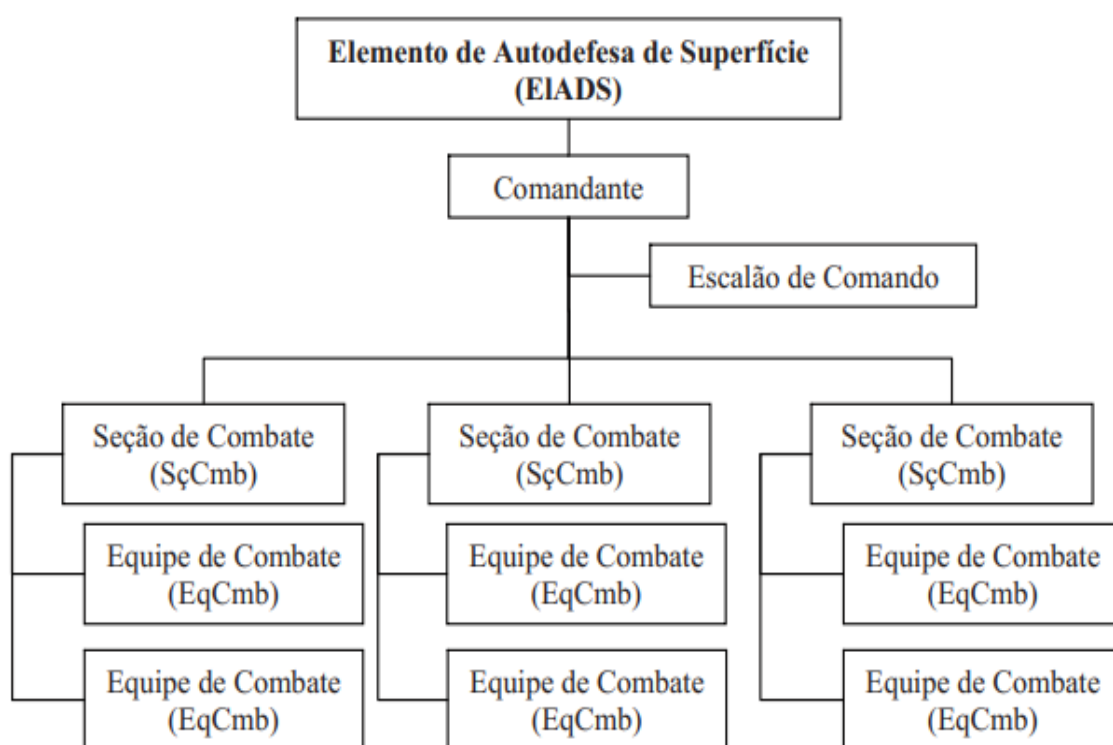


Figura 3 Estrutura do EIADS

Fonte: Brasil (2020)

Além do EIADS existe o Elemento de Apoio de Fogo (ElApF) que tem a finalidade de fornecer o apoio de fogo na situação em que for empregada (BRASIL, 2020). A SçCG seria bem inserida como uma Seção para prover esse recurso como uma Equipe de Cães de Guerra diretamente ligada ao Escalão de Comando ou na utilização do cão na Seção de Vigilância (SçVig). A Estrutura básica do ElApF que é regulamentada por manual está exposta na figura 4.

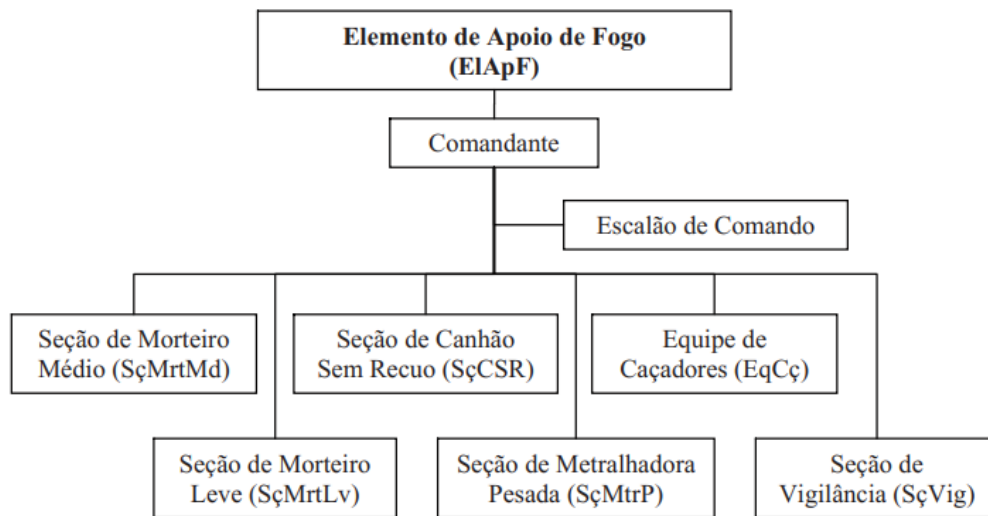


Figura 4 Estrutura do EApF

Fonte: Brasil (2020)

Não obstante com toda essa estrutura, para conseguir ter o Comando e Controle nas missões em que as tropas estão dispostas no terreno faz-se necessária uma comunicação eficaz para atingir todas as unidades que estarão no Teatro de Operações (TO).

O subsistema de comunicações consiste nos equipamentos essenciais para garantir a conexão contínua de dados, voz e imagens de natureza operacional ou logística, que são indispensáveis para o funcionamento e integração de todas as unidades das tropas de anúncios. A autodefesa possui uma estrutura de comunicações (conforme figura 5) composta por duas redes: uma externa, destinada a estabelecer conexões com escalões superiores e órgãos externos à autodefesa, e outra interna, que possibilita a comunicação entre os membros e entre as unidades no terreno (BRASIL, 2020)

Os equipamentos de comunicação podem ser empregados em diferentes contextos, como instalações fixas, veículos em movimento ou por equipes em deslocamento a pé. Neste último caso, os rádios devem ser capazes de operar a partir de posições distantes, mesmo em condições ambientais adversas e em áreas sem acesso à energia elétrica (BRASIL, 2020). Concomitante com essa padronização, é possível analisar a questão do recurso do cão, pois quando tiver e missões mais distantes, faz-se necessária a utilização de itens previamente levados para missão.

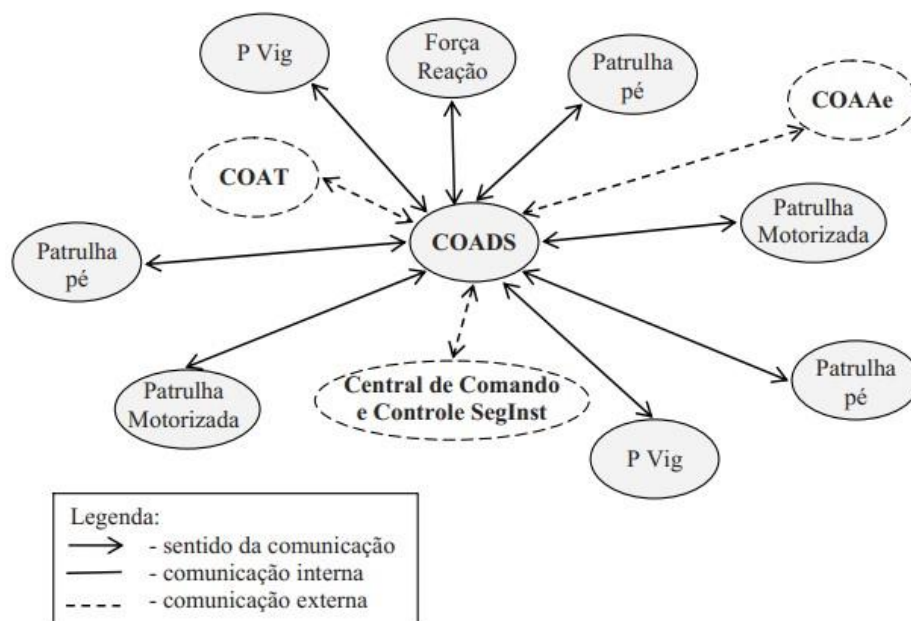


Figura 5 Diagrama de comunicações das tropas de ADS no terreno

Fonte: Brasil (2020)

3.2 IMPLEMENTAÇÃO DO PELOTÃO DE CÃES DE GUERRA NA ESQUADRILHA DE AUTODEFESA DE SUPERFÍCIE

De acordo com a NOSDE ORG 101A, referente a organização e funcionamento de um Grupo de Segurança, o Pelotão de Cães de Guerra (PelCG) é uma capacidade atribuída e subordinada ao Esquadrão de Polícia da Aeronáutica. Esse pelotão é composto por dois tenentes, sendo um o Comandante do PelCG e outro sendo o Veterinário. Além deles, possui duas a três Seções de Cães de Guerra (SçCG).

As SçCG são formadas por um Comandante Seção, sendo ele um suboficial ou sargento, cabos ou soldados de primeira-classe que são os Comandantes de Equipes de Cães de Guerra (EqCG) e quatro soldados Condutores. Vale ressaltar que a quantidade de SçCG depende diretamente da quantidade de cães disponíveis no GSD.

A implementação do PelCG na EaADS seria de acordo com a disponibilidade de cães capacitados na SçCG, uma vez que as atividades rotineiras que os cães realizam nas missões de Polícia da Aeronáutica não poderia deixar de serem cumpridas. A proporção de cães por Condutor, segundo a NOSDE ORG 101A, é de dois cães por militar capacitado, logo a Seção seria inserida no

ElADS como uma SçCmb além das demais previstas sem alterar, assim, a formação básica do Elemento.

A ADS trabalha com um escalonamento na sua área de responsabilidade e é dividida em três: Área de Segurança, Área de Defesa Avançada e Área de Defesa Aproximada. Conforme a figura 6. A Área de Defesa Aproximada pode, ou não, coincidir com os limites do perímetro patrimonial da Organização Militar. Nessa área a tropa da ADS é ativada apenas para ameaça mais controladas. A Área de Defesa Avançada já possui um afastamento intermediário para conseguir detectar a presença do inimigo antecipadamente, para isso, já é possível o bloqueio de vias que dão acesso aos pontos críticos. A área mais afastada é a Área de Segurança, a qual se caracteriza pela detecção antecipada o mais distante possível. Nessa área de responsabilidade são acionados os maiores níveis de ameaça ao ponto sensível (BRASIL, 2020).

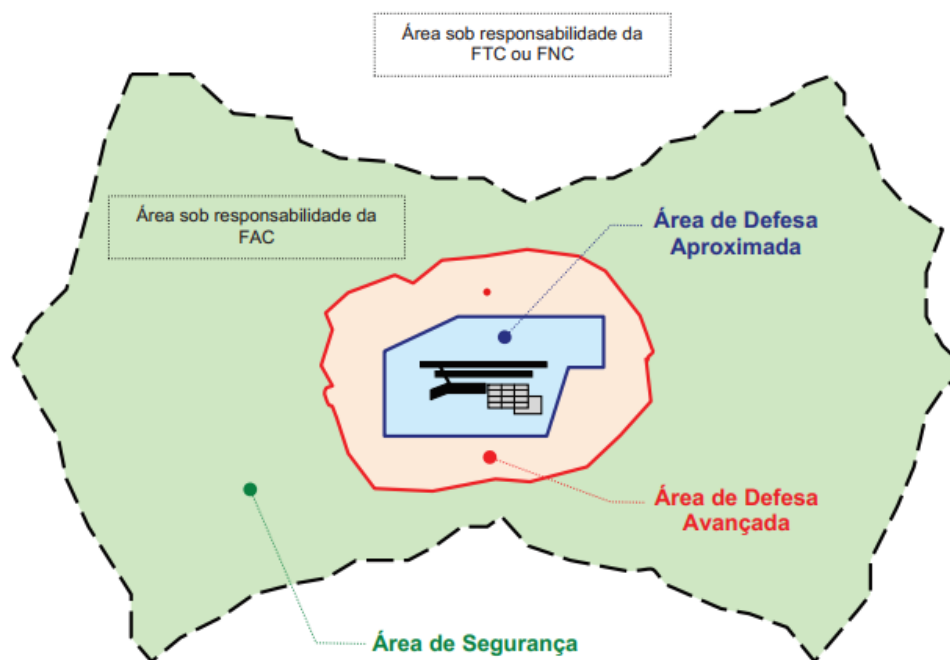


Figura 6 Escalonamento da Área de Responsabilidade

Fonte: Brasil (2020)

O patrulhamento dessas áreas tem uma grande importância para conseguir detectar o inimigo antecipadamente e neutralizá-lo, se necessário for, antes de um possível ataque. O

policiamento com a utilização de cães já é regulamentado e padronizado segundo o MCA 125 – 19 nas atividades rotineiras da missão do Esquadrão de Polícia da Aeronáutica.

A ameaça de superfície visa destruir aeronaves e equipamentos, e até mesmo capturar instalações inteiras. A distância, o tipo de infiltração e o armamento utilizado podem variar de acordo com o objetivo. É essencial levar em consideração todas essas variáveis no planejamento, e a tropa de Autodefesa de Superfície deve estar pronta para enfrentar possíveis ataques e contê-los (PATO JÚNIOR, 2018).

Para garantir um controle efetivo do cão durante a patrulha a pé, é necessário que haja no mínimo dois militares acompanhados de um cão. Durante os deslocamentos, é importante que o cão esteja posicionado entre os dois militares, permitindo ao condutor um controle mais eficiente em situações em que os transeuntes possam passar inesperadamente pelo animal ou quando houver condições que possam resultar em acidentes, de acordo com a figura 7. Quando a patrulha for realizada em ambientes como mata ou em locais distantes da base da organização, o condutor deve levar suprimentos para hidratar o cão, além de um kit de primeiros socorros (BRASIL, 2022).



Figura 7 Deslocamento da Patrulha a pé com cão

Fonte: Brasil (2022)

De acordo com o MCA 125-19:

Atua nas ações de patrulhamento policial, abordagens, defesa do condutor, escolta de presos, segurança e proteção de autoridades, isolamento de áreas, segurança de tropas desdobradas no terreno, segurança de aeronaves de esquadrões aéreos em manobras ou operações fora de sede e controle de distúrbios. O cão deverá possuir temperamento equilibrado, obediência de alto nível e proteção compatível. Além disso, deve ser mantido sob total controle de seu condutor a fim de mitigar possíveis acidentes e/ou incidentes envolvendo pessoas inocentes. Pode ser empregado na busca e captura de fugitivos em áreas abertas, matas e edificações (BRASIL, 2022, p. 15).

Esse exemplo mostrado anteriormente é apenas uma das vantagens que poderiam contribuir com a implementação do PelCG na EaADS, uma vez que o recurso do cão traz vantagens para detecção, proteção e até as duas habilidades nos cães de duplas habilitação.

Para a implementação do recurso do cão nas atividades da ADS, o Pelotão de Cães de Guerra poderia ceder os cães habilitados para a missão acionada.

A força vem se atualizando com o passar dos tempos e desafios decorrentes da recente reformulação da FAB são colocados aos componentes do Sistema de Segurança e Defesa a necessidade de atualizar procedimentos e metodologias. Para se adequar a esse novo contexto, é fundamental adotar metodologias que garantem às equipes encontrar soluções mais adequadas para as situações que enfrentam durante suas operações, além de tomar decisões assertivas mesmo antes de iniciar as ações (CRUZ, 2021).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas explicações de cada manual da FAB e analisando os autores que dissertam sobre o assunto da Autodefesa de Superfície, é possível notar que a inserção do recurso da Seção de Cães de Guerra da FAB na ADS teria um ganho para a força, uma vez que a força já tem esse recurso. Além dessa área da Infantaria da Aeronáutica está em constante evolução e necessita de recursos para cumprir a Segurança e Defesa das áreas contestadas em uma situação de conflito.

Foi visto que o cão treinado tem uma alta gama para as missões da Infantaria da Aeronáutica e isso refletiria diretamente nas missões em que as tropas de ADS atuam. A FAB já possui a capacitação de militares para serem adestradores e também de militares que atuam na segurança das

instalações por meio da ADS. Esse ramo tem a necessidade de recursos de reconhecimento para detectar, identificar e neutralizar o inimigo, visto que atuam em um ambiente fora do perímetro das instalações em situações que o conflito foi instaurado.

A estrutura atual do Elemento de Autodefesa de Superfície possui as Seções de Combate, como demonstrado no decorrer dessa pesquisa, a implementação do Pelotão de Cães de Guerra seria, inicialmente, instaurar uma SçCG nesse elemento para o cumprimento de missões de reconhecimento, proteção e busca. Visto que o cão tem a capacidade de atuar como proteção, detecção ou dupla aptidão. Os condutores e cães que atuariam na missão de ADS seriam cedidos pelo Pelotão de Cães de Guerra, onde estariam tendo os cuidados e treinamentos rotineiros.

Em resumo, a Seção de Cães de Guerra desempenharia um papel importante na missão de Autodefesa de Superfície da FAB. Sua capacidade de detecção antecipada, trabalho em equipe, busca e resgate, juntamente com sua presença dissuasória, contribui para a segurança das instalações militares, equipamentos e pessoal. Os cães de guerra representam uma valiosa ferramenta de defesa, fornecendo uma camada adicional de proteção e aumentando a eficiência e eficácia das operações de ADS na FAB.

Dessa forma, levanta-se a seguinte sugestão para um trabalho futuro: a regulamentação e padronização do Pelotão de Cães de Guerra dentro do manual de Autodefesa de Superfície.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, Lucas Reis. **A batalha de Creta: uma análise do conflito sob a perspectiva da doutrina de autodefesa de superfície da FAB**. 2021. 024 p. Pirassununga, SP. Disponível em: https://redebis.direns.aer.mil.br/index.asp?codigo_sophia=87294. Acesso em: 18 out. 2022.

BRASIL. Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. **Doutrina básica da Força Aérea Brasileira - DCA 1-1**. Brasília: Estado-Maior da Aeronáutica, 2012.

BRASIL. Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. **Conceito de emprego da Infantaria da Aeronáutica- MCA 125 – 5**. Brasília: Comando de Preparo, 2019.

BRASIL. Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. **Manual de Autodefesa de Superfície – MCA 125 – 17**. Brasília: Comando de Preparo, 2020.

BRASIL. Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. **Organização e funcionamento dos Grupos de Segurança e Defesa Tipo 1 – NOSDE/ORG/101A**. Brasília: Comando de Preparo, 2021.

BRASIL. Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. **Emprego de Cães de Guerra – MCA 125 – 19**. Brasília: Comando de Preparo, 2022.

BEEVOR, Antony. **Creta: Batalha e Resistência na Segunda Guerra Mundial (1941-1945)**. Tradução de Maria Beatriz de Medina. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CARALO, Jorgeli Almagro. **Teste de Avaliação do Condicionamento Físico da Tropa de Infantaria a ser empregada na ação autodefesa de superfície**. 2014. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Comando e Estado-Maior) -Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica, Universidade da Força Aérea, Rio de Janeiro, 2014., Rio de Janeiro. Disponível em: https://redebis.direns.aer.mil.br/index.asp?codigo_sophia=60067. Acesso em: 18 out. 2022.

CRUZ, Diego Junio Lima. **A aplicação de técnicas flexíveis de tomada de decisão na atividade de patrulhamento de área patrulhamento de área**. 2021. 1 recurso online (10 f.) Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica como requisito parcial para aprovação no Curso de Pós-graduação em Gestão Pública com ênfase em Projetos e Processos, 1/2021, Rio de Janeiro. Disponível em: https://redebis.direns.aer.mil.br/index.asp?codigo_sophia=83912. Acesso em: 18 out. 2022.

LIMA, Leonardo Oliveira de. **Condicionamento físico dos militares de infantaria com vistas a ação de autodefesa de superfície**. 2017. 40 p. Pirassununga, SP. Disponível em: https://redebis.direns.aer.mil.br/index.asp?codigo_sophia=58351. Acesso em: 18 out. 2022.

MATOS, João Carlos Gouveia de. **Reestruturação organizacional para as ações de autodefesa de superfície**. 2009. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Comando e Estado-Maior) -

Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica, Universidade da Força Aérea, Rio de Janeiro, 2009 f. Rio de Janeiro. Disponível em:

https://redebias.direns.aer.mil.br/index.asp?codigo_sophia=9489. Acesso em: 18 out. 2022.

NIENOW, Flávio. **A liderança na tropa de infantaria e a formação do poder pessoal**. 2009. 17 f. Rio de Janeiro. Disponível em: https://redebias.direns.aer.mil.br/index.asp?codigo_sophia=63920. Acesso em: 18 out. 2022.

PATO JÚNIOR, Daher dos Santos. **Doutrina de autodefesa de superfície**: importância do desenvolvimento para a adequada defesa do Poder Aeroespacial. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica como requisito parcial para aprovação no Curso de Pós-graduação em Gestão Pública com ênfase em Projetos e Processos. 11 f. Rio de Janeiro. Disponível em:

https://redebias.direns.aer.mil.br/index.asp?codigo_sophia=81404. Acesso em : 18 out. 2022.

SHLAPAK, David Allan; VICK, Alan. **Chek six begins on the ground**: responding to the evolving ground threat to U. S. Air Force bases. Santa Monica: RAND, 1995.

TOPAN, Luiz Cláudio; PAIVA, Maurício Rocha de. **Taxonomia de ameaças de superfície às instalações da Força Aérea Brasileira**. 2013. 20 f. Rio de Janeiro. Disponível em:

https://redebias.direns.aer.mil.br/index.asp?codigo_sophia=10720. Acesso em: 18 out. 2022.

VAZ, Eduardo Fernandes. **Emprego do pelotão de cães de guerra**: fator de segurança. 2005.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica como requisito parcial para aprovação no Curso de Pós-graduação em Gestão Pública com ênfase em Projetos e Processos. 17 f. Rio de Janeiro. Disponível em:

https://redebias.direns.aer.mil.br/index.asp?codigo_sophia=65037. Acesso em: 18 out. 2022.

VICK, Alan. **Snakes in The Eagles Nest**: A History of Grounds Attacks on Air Bases. 1. ed. Santa Monica: Rand, 1995.